

Brasil pode crescer mais sem inflação, diz o IEDI

SANDRA NASCIMENTO
SÃO PAULO

O Brasil possui plenas condições de entrar em um círculo virtuoso de expansão não inflacionária nos próximos anos. É preciso apenas não ter medo de crescer, disse ontem o presidente do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Josué Gomes da Silva, durante a apresentação do estudo "Produto Potencial e Crescimento".

Produto potencial é uma estimativa de quanto seria possível crescer sem gerar inflação. "É como se estivéssemos condenados a não crescer mais do que 3,5%. Toda vez que chegamos próximo a isso, a economia é abatida a tiros", diz. O estudo é o primeiro de uma série que o instituto planeja divulgar com o objetivo de contribuir para o debate econômico durante a campanha eleitoral.

No ano passado, o PIB brasileiro cresceu apenas 2,3%, fraco desempenho atribuído pelo Iedi à política monetária restritiva. Em 2004, o percentual foi de 4,9% e em 2003, de 0,54%, o que dá uma média de 2,58% para os três primeiros anos do governo Lula. Em oito anos do governo de Fernando Henrique Cardoso, a média anual foi de 2,32%.



J. G. da Silva

Continua na página A-8

NÍVEL DE ATIVIDADE

Brasil pode crescer mais sem...

Pesquisa da Fiesp mostra ser possível ampliar a produção em até 57% sem aumento de preços

SANDRA NASCIMENTO
SÃO PAULO

Continuação da página A-1

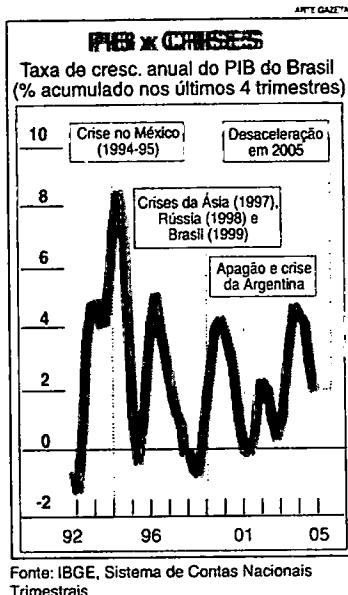
Ao lado de empresários como Eugênio Staub, da Gradiiente e Pedro Passos, presidente do Conselho da Natura, entre outros, Gomes da Silva, que é filho do vice-presidente José Alencar, foi enfático nas críticas à atual condução da política monetária. "A sociedade deve acreditar mais no setor produtivo do que nos formuladores de política econômica. Nós entendemos muito mais de economia real do que a Febraban e a equipe econômica", disse, numa referência direta aos bons resultados que o setor fi-

nanceiro vem obtendo nos últimos anos, enquanto a chamada economia patina – no ano passado o crescimento do PIB limitou-se a 2,3%.

Quando compara o Brasil à China, que em 2005 cresceu 9,8%, Staub se diz "revoltado". "O Brasil é um país bem melhor, mas incutimos a idéia de que não podemos crescer mais do que 3,5%. Os chineses, ao contrário, têm certeza que vão continuar crescendo", disse, acrescentando que é uma "falácia" a afirmação de que "a economia não pode crescer mais porque a taxa de investimento não é maior e a taxa de investimento não é maior porque o país não cresce mais."

"É uma profecia que se auto-confirma. O governo segura, o empresário não investe e crie-se um círculo vicioso que é preciso sair dele".

Passos também foi duro. "É inadmissível que alguém limite e nos condene ao não crescimento, 2,3% a 4% não dá. Se é



esse o plano, vamos mudar o plano", disse ele, lembrando que o setor em que atua, cosméticos, cresce de 5% a 6% nos últimos dez anos, sem reajustar preços além do IPCA, ou seja, sem pressionar a inflação.

"Precisamos sair dessa armadilha", disse o diretor-executi-

vo do instituto, Julio Gomes de Almeida. O Iedi também criticou o fato de o produto potencial não levar em conta mudanças estruturais na economia.

Para o diretor-executivo do Iedi, as empresas têm certa flexibilidade para ampliar a produção, num cenário de demanda maior, sem que seja necessário aumentar investimentos o que acabaria por pressionar os preços.

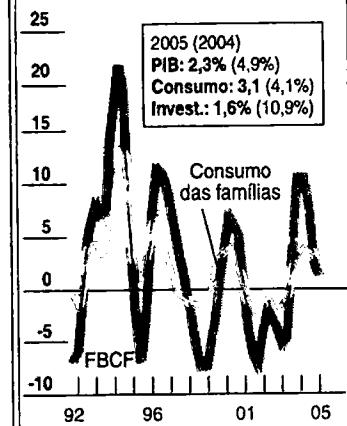
Durante o encontro foi re-apresentada pesquisa da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), na qual gráficos mostram ser possível ampliar a produção em até 57% sem aumento de preços e com investimentos pontuais.

"Tem setores com menos flexibilidade, mas daí o governo pode adotar políticas mais específicas", disse o diretor de pesquisas econômicas da Fiesp, Paulo Francini.

Segundo ele, informações como essas deveriam ser consideradas pela equipe econô-

INVESTIMENTO x CONSUMO

Taxa de cresc. anual da FBCF* e do Consumo Privado no Brasil (% ao ano acumulado nos últimos 4 trimestres)



Fonte: IBGE, Sistema de Contas Nacionais Trimestrais * Formação Bruta de Capital Fixo

mica na formulação das políticas, o que não acontece, em sua opinião. "Há um grande fosso entre a economia real e a equipe econômica. Nunca ninguém do Banco Central nos procurou para conversar sobre as condições do setor real, PIB potencial, preços".

Em sua explanação, Gomes de Almeida destacou o fato de que, no ano passado, a política monetária restritiva derrubou os investimentos, mas não o consumo.